

EUA aceleraram a mobilização militar ofensiva contra o Irã.

Apesar dos relatos de progresso nas negociações para evitar uma nova guerra no Oriente Médio, os Estados Unidos aceleraram nesta semana a mobilização militar ofensiva em preparação para atacar o Irã.

Após enviar dois grupos de porta-aviões e diversos ativos para a região, as forças de Donald Trump estão empreendendo uma movimentação frenética de aeronaves para o teatro de um eventual conflito.

Só de segunda-feira (16) até esta quarta (18), foram ao menos 66 aviões de caça e ataque deslocados, o dobro do que já havia em três principais bases americanas sob a jurisdição do Centcom (Comando Central da Forças Armadas dos EUA) - isso sem contar as 90 aeronaves a bordo do USS Abraham Lincoln.

Esse aviões estão sendo apoiados por uma armada voadora de aviões-tanque. Só na manhã desta quarta, havia 20 modelos KC-135 e KC-46 no ar cruzando o Atlântico vindos dos EUA. Além disso, seis aviões-radar E-3 e pelo menos um raramente usado U-2 já estão na Europa, a poucas horas da ação.

São aeronaves essenciais para qualquer ação coordenada, organizando o trabalho de caças, aviões de ataque a solo e bombardeiros. Todos os números são tirados de monitores de tráfego aéreo, e pode haver mais ativos a caminho.

Chama a atenção a composição do contingente, que saiu dos EUA e de bases na Europa: além de 36 caças leves F-16, há 12 F-22 e 18 F-35 relatados pelos monitores. Os dois últimos são modelos de quinta geração, furtivos ao radar.

Donald Trump acelera preparação de ataque ao Irã

Casa Branca



Negociações avançaram, mas EUA querem manter “vantagem”

O F-22, em particular, é o avião mais poderoso da frota americana. Seu emprego, provavelmente numa base da Jordânia, sugere o potencial uso do bombardeiro “invisível” B-2, numa combinação usada no ataque americano a instalações nucleares do Irã em junho passado.

Nele, os F-22 serviram com F-35 de escolta para os bombardeiros de R\$ 11 bilhões, enquanto outros caças abriam o caminho alvejando defesas aéreas iranianas. Nesse cenário, é possível especular uma novo ataque mais cirúrgico para decapitar a teocracia islâmica instalada em Teerã desde 1979.

Mas analistas militares observam que o poderio mobilizado insinua uma guerra mais ampla do que bombardear o aiatolá Ali Khomeini e comandantes de sua Guarda

Revolucionária. Isso implica vários riscos, dado que o país não é indefeso como a Venezuela, atacada em janeiro.

Para tanto, seguindo a cartilha do Pentágono, tudo começa com o uso intensivo do míssil de cruzeiro Tomahawk. Há cerca de 600 unidades da arma de precisão rondando o Irã. Trump já tem na região o Lincoln e sua escolta de três destróieres, e um total de ao menos 12 navios de guerra.

Talvez na semana que vem eles já sejam apoiados por um segundo grupo de porta-aviões, centrado no maior modelo do tipo no mundo, o USS Gerald R. Ford. O navio e sua escolta estava no Caribe, onde participou da operação que capturou o ditador Nicolás Maduro e sua mulher.

Na terça, ele cruzou o estreito de Gibraltar e entrando no Mediterrâneo, podendo estar em posição de apoiar um ataque ao Irã pelo flanco oeste já neste fim de semana.

Isso tudo pode sinalizar apenas pressão de Trump para que os aliados aceitem um acordo acerca de seu programa nuclear. Na terça, delegações de ambos os países debateram indiretamente o tema, sob a mediação de Omã, em Genebra.

O chanceler iraniano, Abbas Araghchi, foi particularmente otimista, falando em progresso e novas reuniões. Os americanos foram mais discretos, apenas relatando anonimamente que esperam uma proposta iraniana em duas semanas.

Talvez este seja o prazo para uma decisão de Trump sobre atacar. Na noite de terça, o vice-presidente J. D. Vance afirmou à Fox News que “ficou bem claro que o presidente tem linhas vermelhas que os iranianos não estão ainda dispostos a aceitar e negociar”.

A crise entre os países remonta à Revolução Iraniana, que nasceu sob o signo da tomada da Embaixada dos EUA em Teerã. Décadas de hostilidade mútua chegaram a um zênite com o ataque do ano passado, em apoio à guerra de 12 dias que Israel travava com seu arqui-inimigo.

Protestos agravaram crise

Sucedeu um cessar-fogo, mas a situação política da teocracia degenerou devido a uma crise econômica que levou milhares à rua no fim de 2025. Logo, os atos viraram protestos contra o regime em si, e foram violentamente reprimidos.

Trump prometeu ajuda os manifestantes e, no começo do ano, quase atacou o Irã. Mas voltou atrás, convencido por Israel a ganhar mais tempo de preparo e pressionado por aliados regionais a não causar caos no comércio de petróleo - 20% do produto e do gás mundiais passam pelo estreito de Hormuz, cuja costa norte é controlada por Teerã.

Não por acaso, os iranianos estão fazendo nesta semana exercícios navais por lá, e anunciaram que exercícios conjuntos com russos e chineses, buscando dissuadir os americanos. Uma corveta de Moscou, a Stoiki, já fez manobras com barcos iranianos nesta quarta. Teerã também está reforçando instalações militares, como imagens de satélite mostram.

O republicano acabou abandonando a retórica de apoio aos atos, embora tenha falado que seria bom ver o regime cair. E acelerou o cerco militar enquanto mudava o foco para o programa nuclear, que fora objeto de um acordo que ele mesmo deixou em 2018.

Aquele arranjo suspendia sanções em troca da renúncia à bomba atômica e instalação de mecanismos de verificação da produção pacífica de urânio enriquecido. Teerã quer renovar esse acordo, mas Trump quer o fim total do programa.

Além disso, com apoio de Israel, pede também o fim do programa de mísseis balísticos do país persa, algo que Teerã diz ser inegociável. Na guerra de 2025, apesar de dominada nos ares, a teocracia causou bastante estrago no Estado judeu.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Mesmo com impasse, Rússia e Ucrânia continuam negociações

Em negociações descritas pelos dois lados como difíceis e tensas, Rússia e Ucrânia concordaram em discordar acerca dos pontos usuais que levam a um impasse acerca de um cessar-fogo no conflito que completará quatro anos na próxima terça-feira (24). Após passarem seis horas debatendo na terça (17), as delegações reunidas com mediadores dos Estados Unidos em Genebra encerraram a terceira rodada de negociações diretas nesta quarta (18) gastando um terço do tempo.

Os líderes das equipes evitaram falar em colapso, tanto que anunciaram que haverá mais conversas. “Houve progresso, mas nenhum detalhe pode ser revelado”, disse o ucraniano Rustem Umerov, que chefiava o Conselho de Segurança e Defesa de seu país.

Já o russo Vladimir Medinski,

que em 2022 chegou a fechar um pré-acordo com os ucranianos que foi rejeitado na última hora por Kiev, afirmou que as conversas foram “difíceis, mas profissionais”. Devido aos termos draconianos que ele costurou em Belarus e Istambul no primeiro ano da guerra, sua presença sinalizou a disposição do Kremlin.

Ela já havia sido exposta pelo chanceler Serguei Lavrov no começo da semana, quando ele disse que nada mudou nas demandas russas feitas pelo presidente Vladimir Putin em junho de 2024 e reiteradas em papel um ano depois.

Entre elas há os pontos centrais de discórdia, como cessão territorial. Putin quer todas as áreas que anexou ilegalmente em 2022 mas ainda não controla, principalmente a porção de 15% a 20% da província

de Donetsk ainda nas mãos de Volodimir Zelenski.

Kiev não topa, e os EUA sugeriram criar uma zona desmilitarizada que os ucranianos disseram aceitar. Os russos ensaiaram concordar, mas ainda resistem.

Há também a questão das garantias de que não haverá nova invasão por parte de Moscou, que Zelenski quer na forma de uma força de paz europeia em seu país, algo inegociável para Putin. A Rússia quer também o fim do apoio ocidental com armas aos rivais.

“O risco para Kiev é ficar presa em negociações intermináveis de cessar-fogo enquanto Moscou continua suas ações militares, destruindo a infraestrutura ucraniana”, disse a analista russa Tatiana Stanovaia, do Centro Carnegie (Berlim).

Para ela, Putin sinaliza a Do-

nald Trump periodicamente que está aberto ao diálogo, mas não abre mão de seus pontos. Como já disseram pessoas ligadas ao Kremlin à reportagem, o presidente russo está convicto que tem gordura para sustentar a guerra até atingir seus objetivos declarados.

O próprio Zelenski, comentando nesta quarta as conversas da véspera, voltou a esta linha. “Podemos afirmar que a Rússia quer estas negociações que já poderiam ter chegado ao estágio final”, disse ele, tentando tirar a pressão que Trump pôs sobre a Ucrânia. Na segunda (16), o americano havia dito que eram os ucranianos que precisavam “ir à mesa rapidamente”.

O chefe da Casa Branca quer um acordo entre os rivais até o meio do ano, para chegar às eleições legislativas de meio de mandato, quando

arrisca perder o controle que tem da Câmara, com algum trunfo à mão.

O problema desse arranjo é a possibilidade de alguma trégua parcial ou frágil ser estabelecida, sendo vendida como uma ilusória grande vitória da diplomacia negocial de Trump. Nenhum dos lados parece disposto hoje a ceder em termos centrais.

“Nossas posições diferem porque as negociações são difíceis”, disse Zelenski após a rodada ter terminado.

Enquanto isso, os ataques russos ao sistema de energia do vizinho, foco da campanha de Moscou neste inverno do Hemisfério Norte, prosseguiram, ainda que com menos intensidade do que na véspera. Ao menos quatro regiões do país ficaram no escuro enquanto os negociadores debatiam na Suíça.

Por Igor Gielow (Folhapress)